

EDUCAÇÃO RURAL: UM UNIVERSO SOCIOLINGÜÍSTICO COM A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA

Marilene Guimarães de Oliveira
marilenegol@yahoo.com.br

RESUMO:

Este trabalho aborda a importância da literatura e, em especial a sociolinguística para este propósito tem como base o conto a “enxada”, que faz parte do livro intitulado “Veranico de Janeiro”, lançado em 1966, de Bernardo Élis, escritor regional goiano. O espaço rural onde residem milhões de pessoas é extremamente marcado pela linguagem utilizada por seus moradores, tornando-se um universo linguístico de grande riqueza devido a marca da variedade linguística. Por outro lado, o processo educativo é fator relevante na compreensão de que as variações linguísticas estão relacionadas com a questão social e por isso precisa valorizar esses aspectos em sala de aula para que não haja preconceito em relação ao ensino da língua padrão ensinada na escola. Nesse contexto, abordagem à luz de uma visão sociolinguística, os impactos desse conhecimento no contexto educacional na sala de aula, abordando o papel da escola no ensino da variedade culta da língua e os desafios presentes no enfrentamento dessa questão, enfatizando como os conhecimentos da sociolinguística podem aprimorar a prática docente e proporcionar aos alunos do meio rural confiança de se usar a língua com segurança, para o desempenho de qualquer tarefa comunicativa cabível.

Palavras-chave: Linguagem, Literatura regional, População rural, Sociolinguística, Educação.

INTRODUÇÃO

É consenso e está mais do que evidente que a língua constitui-se como um dos bens culturais mais relevantes de um povo, pois, é nela que se apresenta refletida a sociedade e suas influências nos indivíduos. Diante da vida em sociedade, também é pela língua que se dão as relações de poder e dominação, os consensos, as discórdias, as transmissões culturais, assim como os problemas de conflitos sociais, haja vista que é pela língua que o sujeito constrói seu lugar na sociedade, e também pode ser excluído por meio dela, quando sua forma de falar e/ou escrever não é aceita e o indivíduo passa a ser excluído.

A língua, em suas diversas formas e variantes, é uma entidade viva, dinâmica e é o código utilizado pelo ser humano para se comunicar com seus semelhantes, trocar informações, difundir ideias e conceitos. Além dessas considerações, é relevante frisar que o contexto social brasileiro se dá em diferentes regiões, cada uma com características peculiares e em duas dimensões: a realidade urbana, ou seja, a vida nas cidades e a realidade rural, que é a vida no campo. Daí surgiu o seguinte questionamento: o que vem a ser a educação rural dentro desse universo sociolinguístico?

Dentro dessa ótica, este trabalho surgiu a partir da observação de que do meio rural e a aprendizagem da língua portuguesa em relação com os preconceitos sofridos por parte

da população que vive no meio urbano, especialmente aquela considerada letrada com uma visão elitizada sobre a língua. Assim, essa pesquisa tem como objetivo fazer uma análise do conto “A enxada” a partir da visão sociolinguística. Dessa forma, as considerações aqui apresentadas são resultantes de pesquisa realizada acerca da população rural e seu universo em relação à sociolinguística. Essa análise também perpassa os estudos sociolinguísticos, a partir de representações apreendidas do conto de Bernardo Élis, denominado “A Enxada”.

A pesquisa do presente trabalho procurou conhecer sobre vida e a obra de Bernardo Élis, e da sociolinguística na literatura e discutir sobre o conto “A Enxada” fazendo uma relevante análise literária, e propondo uma correlação com as variedades linguísticas das pessoas simples que vivem na zona rural e que são retratadas por Bernardo Élis.

Após essa discussão, o trabalho apresenta as considerações finais que não pretendem fechar a questão, mas propor novas reflexões sobre o ensino da língua materna na educação do campo, por ser esse um universo sociolinguístico que guarda um grande potencial de cultura e que precisa ser valorizado a partir das suas formas de falar e de se expressar como seres que muitas vezes são discriminados.

Espera-se que este trabalho favoreça aos interessados e a toda sociedade uma relevante contribuição no entendimento que àqueles que moram no espaço rural são personagens importantes nesse processo cultural que se constrói continuamente no país.

EDUCAÇÃO RURAL: A LÍNGUA DO HOMEM DO CAMPO

O homem constrói cultura própria, transmitida de geração para geração ao acumular experiências de sua comunidade, e, tudo isso, ele realiza mediante ao uso da língua, ferramenta basilar que propicia constante interação entre o sujeito e a sociedade. Como sabemos, a língua está presente na convivência entre as pessoas e colabora para marcar/identificar as diferentes funções sociais ocupadas por essas pessoas em seus meios, assim como a variação da língua, a qual incorporamos, é a que faz parte do nosso grupo social. Assim, para que haja a inter-relação (sujeito-sociedade) é preciso fazer a junção entre língua e sociedade, porque se o homem se comunica por meio da língua e vive em sociedade é necessário que essa união se complete, uma vez que a língua, como sistema, segue cada passo da evolução da sociedade desvelando as diversas formas do comportamento humano e as variações que ocorrem em função da temporalidade espacial que a permeia. Como afirma Labov apud Monteiro, 2000, p.16-17):

A função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social, por ela desempenhado de transmitir informações sobre o falante constitui uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade (...). A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço.

Nessa perspectiva, trabalhar a língua em sala de aula à luz da teoria sociolinguística é mostrar aos alunos, entre outras questões, os discursos variados que circulam socialmente e suas respectivas valorações, além, ainda de fazer com que percebam os casos de variação, não como “erros”, mas como “diferenças” comuns a toda língua falada. Sendo a linguagem uma atividade humana, histórica e social, como já pontuado, nada mais natural que colocar em prática a análise e a reflexão sobre a língua e suas variações correntes no dia-a-dia. Esse trabalho implica atividades de leitura reflexiva, as quais conduzam o aluno a perceber, entender e posicionar-se ante a variação que envolve e compõe a língua, língua essa que não está separada do aluno, mas que faz parte dele, do seu dia a dia, seja na própria sala de aula ou qualquer outro domínio social.

Diante do exposto, pensar uma nova concepção de prática de língua é ter que pensar também a linguagem como um conjunto de recursos expressivos, não-fechados e em constante transformação. Neste texto, propomos reflexões que possam subsidiar as práticas pedagógicas linguísticas que respeitem a diversidade a que estão expostos o falante e sua língua, tendo como mote as variadas situações comunicativas as quais esse falante vive, pois como bem expressam os PCN (1998, p.31):

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falarem certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas : saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa... a questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem.

É oportuno esclarecer que a variante culta deve ser apresentada, sem dúvida alguma, ao aluno, mas, além de ensinar a variedade culta da língua apresentada, é necessário considerar, na práxis escolar, todas as variedades linguísticas que os alunos trazem de seus ambientes, pois os estudos sociolinguísticos comprovam que não existe uma maneira certa ou errada para falar (como já abordamos), o que existe são variedades distintas dentro de uma mesma língua, todas eficazes no viés da comunicação, ou seja, todas as variantes trazem apenas formas enunciativas diferenciadas, as quais acabam

expressando o mesmo valor real de sentido. Até porque, como afirma Bortoni (2004, p.8): “A noção de “erro” nada tem de linguística – é um (pseudo) conceito estritamente sociocultural, decorrente de critérios de avaliação (isto é, dos preconceitos) que os cidadãos pertencentes à minoria privilegiada lançam sobre todas as outras classes sociais.”

Ao professor de Língua Portuguesa cabe, portanto, a missão de conciliar teoria à práxis, isto é, há que orientar os alunos a ampliarem suas competências comunicativas e a darem real valor à variedade linguística trazida de suas casas, sem taxá-la como “errada”. A intenção com essa atitude é proporcionar aos alunos momentos de reflexão linguística, ao fazer com que explorem as diversas possibilidades de usos da linguagem, sejam elas deflagradas por questões regionais, sociais ou situacionais.

O CONTO “A ENXADA” : UMA ANÁLISE À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA

A análise sociolinguística, pontua alguns elementos linguísticos do conto a “A enxada” de Bernarndo Élis. Nota-se que a situação socioeconômica de um indivíduo ou sociedade, quase sempre está associada a sua escolaridade sendo favorável neste conto, pois ressalta a marca de analfabetismo vivenciado pelos personagens. Segundo Jadir Pessoa (2005, p. 20)

A ausência da escolarização ou, se se quiser, sua extrema precariedade, não significava, no entanto, o não saber. Para os usos e funções que compreendem a vida do sertanejo, havia conhecimento de sobra. A vida ensina.

Ao lermos o conto nos aproximamos da realidade e temos facilidade de identificar os elementos linguísticos. que aparecem ao longo do texto. Podemos constatar que o autor vivencia a vida do sertanejo goiano e coloca as explicações condizentes com os fatos considerando do regional ao universal elegendo Supriano o homem do campo, da cidade, de Goiás, do Brasil, do mundo desprovido de forças, produto de uma sociedade desigual

O tema deste conto remete-nos ao meio rural ressaltando as especificidades da construção linguística no manuseio da língua portuguesa que esse meio oferece e detalha com precisão os vocábulos com alterações fonéticas caracterizando o falar regional “- E a enxada, **adonde** (onde)que ela está, **nhô**(redução do pronome de tratamento senhor)?”. “Elpidio quase que engasga com o **guspe**(cuspe) de tanta **jeriza**(ojeriza):”

“O pedido não foi formulado assim de um só jato não. Piano roncou, **guspiu** (cuspiu) de esguicho.”

Além desses vocábulos apresentados em destaque, no decorrer do texto os vocábulos aparecem com sonorização que ora suprime letras como por exemplo **de tanta jeriza** (ojeriza); “- A **bença** (bênção), seu vigário” ou aumentam como prevenido> aprevenido, pois > apois, suceder > assuceeder. Essas observações quanto a queda de fonemas ou o aumento de som no início dos vocábulos eram comuns no português arcaico.

É importante ressaltar que entre os personagens apresentam comunicação clara e de mesmo nível no texto, o capitão Elpídio se expressa, talvez para intimidar e mostrar poder, “...vão trazer ocê debaixo de facão, vão te meter na cadeia que é para não sair nunca mais. Põe bem sentido nisso e pensa sua vida direito, olha lá!”

A literatura tem, dentre outras finalidades, expressado o espírito humano que habita as histórias e situações expostas pelos autores. Seja no romance ou no conto, a alma a história traz à tona a vida de seus personagens revelando para os leitores traços socioculturais e sociolinguísticos que acrescentam ao enredo riquezas que merecem análises e estudos para que se compreenda a trama e seu contexto a fim de que possamos analisar pela ótica da sociolinguística.

O conto “*A enxada*” narra o percurso de um trabalhador rural – Supriano – à procura de seu instrumento de trabalho, a enxada, que permanece inacessível ao personagem até a última palavra do conto. É um gênero conto de caráter regionalista, marcado pelo coronelismo. Nesse sentido, Élis transportou a dimensão de uma realidade social para o mundo ficcional literário. O mundo rural de “A enxada” representa-se no movimento coronelista, e detém recursos estratégicos e violentos do poder absoluto, pessoal e arbitrário. Tudo isso é possível porque a regulamentação de grande parte dos direitos – especialmente os direitos voltados ao trabalho - não eram executados e transferidos aos trabalhadores rurais. (CASTRO E COSTA & CORRÊA, 2003)

A narrativa revela que Supriano se ver envolvido com o fato de haver um conflito e uma relação de submissão entre os Faleiro e o capitão Chaveiro. Supriano, sofre as condições mais sub-humanas de sobrevivência. É um trabalhador expropriado de toda e qualquer espécie de posses. Ele é reconhecido pela posição social de "camarada", figura subalterna, que possui má fama de devedor, e vive submisso às ordens das figuras de poder da cidade - o delegado e o coronel. A sua luta está registrada em torno de um instrumento de trabalho: a enxada.

Na história, a personagem Supriano era submisso às ordens do fazendeiro Chaveiro. O protagonista é entregue como mercadoria às mãos do fazendeiro pelo delegado da cidade como moeda de negócio. Piano não possui vontade própria. Sua existência é posse nas mãos do poder local, que usa da violência simbólica e física para obter respeito garantidos pela guarda armada. A condição de exclusão de Piano é acrescida ao fato de ser insultado por ser negro. O preconceito legitima a inferiorização da personagem que é, por sua vez, marcada por uma história de rejeição durante o período da escravidão e que atravessa o tempo. Ele simboliza a inferioridade social e racial, associada a isso a condição insalubre do próprio homem do campo.

Os personagens da história são em sua grande maioria pessoas do povo simples que não tem nenhum direito diante daqueles que são poderosos.

A Esposa – Olaia - e o filho de Supriano no conto são como pessoas exclusas. Essa exclusão se dá de uma forma evidente, tanto que eles não possuem um nome e sobrenome e, sim, um apelido. Isso significa a negação de serem reconhecidos como indivíduos. Estes dois personagens extrapolam a dimensão (des)humana da existência. Ela e o filho são a referência às pessoas com deficiências físicas e expropriadas de quaisquer direitos e possibilidades simbólicas de atuação. Ambos aparecem no conto assemelhados a animais, principalmente o filho surdo-mudo, que é aproximado da figura de um porco. Está jogado pelos cantos, sem qualquer domínio de comunicação com o mundo. Há um laço mais forte de interação entre a mãe e o filho. Mas, quem é esse excluído e por que figura nessa posição social na sociedade estratificada pelo poder? As desigualdades sociais se apresentam como a grande vilã deste século. É uma realidade drástica na marcação dos homens, tanto no mundo do trabalho, como na esfera de conhecidos problemas sociais, como a miséria, a violência e a submissão.

Supriano tem uma situação de grande desvantagem na atuação e na transitividade da interação social, porque tem uma relação de controle e de tensão, movendo suas ações e sua "perspectiva" de vida. Suas posturas, em geral, denotam medo e solidão. Em alguns momentos, é colocado como indefeso e delicado demais. A ausência do seu instrumento de trabalho - a sonhada enxada - o coloca numa situação de risco e de dependência diante de todas as pessoas às quais dirigem sua ação de pedido, demonstrando a fragilidade da sua relação com o outro. De forma oposta, Chaveiro se apresenta sempre autossuficiente e com poder de mando. Sua postura verbal e não-verbal mostram o seu caráter autoritário de imposição e de inferiorização dos outros, sobretudo, da ordem legal do contexto do conto.

Como afirmam Castro e Costa & Corrêa (2003, p. 1) “a relação imediata entre o mundo do conto e o mundo do trabalho enseja uma leitura sociológica do texto que se justifica pela correspondência entre ambos”. Isso remete a uma reflexão, já que a língua sofre influência dos fatores sociais, por isso, ela é estudada sob o ponto de vista da sociolinguística.

Junto com esses elementos relacionados com a questão econômica e social da época e da região posta pelo autor na narrativa, pode-se delinear a presença clara também dos elementos sociolinguísticos, daí se pode concordar com o que afirma Signorini (2002, p. 76-77).

A língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A língua não é somente a expressão da alma, ou do íntimo, ou do que quer que seja, do indivíduo; é, acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa como se fosse a sua boca.

Nesse sentido, pode-se enfatizar que Bernardo Élis mostra o homem do campo com suas qualidades e defeitos a partir de sua simplicidade, porém deixando claro que ele é produto do seu meio, sendo fortemente influenciado pelos elementos do meio rural e pelos fatores sociais impostos pela sociedade dominante.

Também é válido ressaltar que o falar do homem simples do meio rural tem um sentido profundo por estar relacionado à realidade ambiental, sem os recursos da vida na metrópole. O ser humano que vive no campo está rodeado de elementos da natureza, entre os bichos, as plantações, a terra e sem frequentar a escola, como os povos urbanos. Por isso, a língua vai ter uma função meramente de comunicação. Assim sendo, o contexto social vai permitir que o indivíduo crie suas variações linguísticas, falando do seu jeito rural, surgindo, então, variações influenciadas pelo meio social em que está inserido.

Em relação à classe dominante, esse indivíduo vai estar coagido, sem liberdade e sem condição de enfrentar o poder dos patrões e demais mandatários da região. Além disso, como se ver no conto de Bernardo Élis, esses sujeitos viverão oprimidos, sendo discriminados como seres sem conhecimentos e sem condição econômica para serem respeitados pelos demais.

Essa análise traz à tona que a educação escolar precisa se inteirar da riqueza linguística das pessoas que vivem no meio rural, assim como também relacionar suas histórias de vida oportunizando à sociolinguística uma maior aproximação com a aprendizagem. Nesse sentido, é propício para que a língua portuguesa seja ensinada dentro

de uma visão inovadora, saindo da tradição gramatical. Essa nova postura por parte dos professores possibilitará um grande avanço educacional em relação à consciência dos alunos diante da sociedade e sua língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pretensão que tentamos empregar no sentido de reconhecemos a educação rural como um universo sociolinguístico tem como objetivo lançarmos um olhar novo para essa área.

Precisamos reconhecer que o ensino para as pessoas que vivem no campo, muitas vezes tem sido efetivado sem reconhecer que o espaço rural tem suas riquezas e suas diversidades e que não devem ser negadas, ao contrário, os aspectos sociais e culturais precisam ser defendidos a fim de que cada região e cada grupo tenha preservados suas características próprias, esse papel cabe à escola como instituição responsável pela formação dos indivíduos.

Dentro desse contexto, o trabalho que ora encerramos configura-se uma amostra do que a obra de Bernardo Élis representa, no contexto sociocultural em que foi concebida. Sua abrangência e profundidade apontam genericamente para duas grandes vertentes, em vias de mão dupla: a distinção e a integração entre língua e sociedade, visto ser a língua um elemento temático relevante, dentre outros, além de instrumento, matéria-prima para a construção dos textos do autor, e a distinção e integração entre língua falada e língua escrita, num contexto ficcional em que se instaura a discussão, a reflexão e a crítica a respeito de tudo. O trato com a linguagem, cuja fluência a aproxima da oralidade, a descontração e a flexibilidade dos discursos, assim como a espontaneidade linguística de que gozam as personagens, na utilização de diversos recursos que ultrapassam o plano meramente linguístico, convergem todos para a constituição do estilo literário do consagrado autor regionalista. Além disso, concluímos que a linguagem de Bernardo Élis constitui-se a partir de uma variedade de tipos de registros, uma fusão de dialetos socioculturais e regionais, palavras e expressões em sentido figurado, estabelecidos pelo universo sociolinguístico que se relaciona com a situação conflituosa entre aqueles que detém o poder econômico e político e, por outro lado, aqueles que como agregados, vivem sub-humanamente.

Com certeza, o conto “A Enxada” apresenta em sua narrativa elementos fundamentais que precisam ser trabalhados na educação rural, tanto do ponto de vista

socioeconômico como na ótica sociolinguística, terreno que interessa aos profissionais docentes que trabalham no universo rural.

Textos como esse são ricos de saberes e de conteúdos para se trabalhar na sala de aula no universo rural, pois seu enredo traduz a vida simples do campo, com suas variações linguísticas provocadas através da situação social a que é destinada a pessoa sem recursos econômicos.

Por isso, talvez, o autor, por meio do narrador onisciente se ver impregnado da linguagem dos seus personagens.

E por isso, seus personagens se tornam vivos, reais, concretos, apesar de ficcionais. Eles existem no meio campesino. Eles estão enfiados na terra, na labuta cotidiana das fazendas, dos assentamentos, construindo a história, colaborando com a cultura do nosso país. E a língua que falam é viva, pois faz parte de suas vidas.

Nesse sentido, é preciso refletir, pois a educação rural se depara com esses homens e mulheres ou com seus filhos na sala de aula, ou nas reuniões escolares. E é desse ponto de vista da valorização das variedades linguísticas que falam e/ou escrevem que o ensino precisa se debruçar, primeiro estudando o fenômeno, depois cooperando para extinguir o preconceito daqueles que entendem que falar certo é atender às regras normativas impostas pela gramática.

Do ponto de vista didático-pedagógico, parece uma incoerência tentar explicar ou definir algo, geralmente abstrato e de um universo semântico distinto, por meio de um elemento concreto, que, pela lógica, nada tem em comum e que exige uma outra operação mental. Entretanto, reconhecemos, nesse caso especialmente, um fator operacional marcante da intuição do escritor. Ele consegue tornar simples e funcional o que parece ser insensato e improdutivo. Além disso ou exatamente por isso, a explicação ou definição metafórica é coerente, à medida que vai ao encontro dos interesses e habilidades intelectuais da criança, cujas condições cognitivas dependem inicialmente da realidade concreta e imediata.

As ideias, os conceitos, as atitudes metalinguísticas empreendidos nos textos examinados são valiosos, ainda na atualidade, uma vez que existiram e coexistem num diálogo que concilia passado, presente e futuro. O fenômeno metalinguístico é fundamental para entender a língua, na base desses três momentos: se hoje está assim, é porque veio de onde veio e como veio e caminha para onde estudiosos talvez possam prever.

Diante do que abordamos até aqui quanto ao estudo da língua em relação aos fatores sociolinguísticos e suas variações, somos sabedores, mediante as observações, as experiências vividas e estudos realizados, que ainda existe uma grande lacuna entre a teoria e a prática linguística. Isso ocorre, especialmente com a variação linguística, porque há mais intenções de mudança do que propriamente mudanças de fato.

Pensamos que para desenvolvermos um trabalho focado na sociolinguística educacional, temos que ter consciência dos usos que fazemos de nossa língua. É necessário, portanto, que todos nós professores exercitemos em nossas práticas pedagógicas o ensino da língua materna voltado, também, à variabilidade tão presente nos meios comunicativos, no dia-a-dia, quebrando o mito que envolve a visão equivocada de que só existe uma forma “correta” de falar, de comunicar-se e orientarmos os nossos alunos quanto às variações da língua, mostrando que as características de cada variação constituem regras gramaticais perfeitamente explicáveis pela vertente sociolinguística.

Cabe, desse modo, ao profissional docente estimular os educandos a reconhecer nas várias formas de utilizar a língua o que ela traz de laços com a situação social e econômica dos seus falantes. A escola não pode passar pelo indivíduo sem transformar. Nem é justo impor um visão preconceituosa do ensino da língua materna discriminando os que falam do seu modo.

A educação rural precisa estar embasada em objetivos e estratégias inovadoras, senão a escola estará reproduzindo o que a sociedade faz ao excluir as pessoas simples do povo que aprende e cria sua cultura a partir de suas possibilidades.

Portanto, é da responsabilidade da escola ensinar o aluno a utilizar as linguagens verbal, oral e escrita, em várias ocasiões, instrumentalizando-o a encarar as diversas situações linguísticas com que conviverá. Na prática escolar, aproveitar o linguajar que o aluno traz de seu ambiente familiar e realizar com ele atividades de modo a ressaltar a fala, a escrita e, ao mesmo tempo, levá-lo a refletir sobre o funcionamento da língua sob as diferentes esferas de circulação é função primeira, nossa, como professores, que atuamos no século XXI. Se valorizarmos menos tão somente as regras prescritivas e nos oportunizarmos criar mais atividades reflexivas com nossos alunos, com certeza, vamos conduzir o mesmo ao entendimento da língua e seu uso de forma mais satisfatória e qualitativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-Ricardo, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo : Parábola Editorial, 2004.

_____. Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRITO, Eliane. PCNS de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula. São Paulo: Arte e Ciência, 2001.

CASTRO E COSTA, Deane M. Fonseca de; CORRÊA, Ana Laura dos Reis. Literatura, trabalho e reificação em A enxada, de Bernardo Élis. UNICAMP, 2003. Disponível em: www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/.../Ana_Laura.pdf com acesso em 02 de 07 de 2018.

ÉLIS, Bernardo. Veranico de Janeiro. RJ: J. Olympio, 1966.

LABOV, W. Modelos Sociolinguísticos. Madrid: Cátedra, 1983 [1972].

MONTEIRO, Lemes, José. O Escopo da Sociolinguística. In: Para Compreender Labov. 2. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

PESSOA, Jadir de M. Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005, p. 20.

SIGNORINI, Inês. Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2002.

_____. Introdução à sociolinguística variacionista. Rio de Janeiro:

Didáticos UFRJ, 1992.

_____. Para compreender Labov. Petrópolis: Vozes, 2000.